

# ECHUS DO IBATÉ

Informativo dos ex-alunos do Seminário do Ibaté

S. Roque - SP - Ano 14 - n.º 86 - Julho/Agosto - 2006

*O jornal que tem os melhores colaboradores*



## ECHUS: O NOSSO ESPELHO

JOSÉ WOLF - Zeca - 50/58 (\*)

*Love is touch, touch is love  
Love is reaching, reaching love  
Love is asking to be loved  
John Lennon*



**LOVE IS TOUCH!** O amor é um toque, já proclamou o profeta John Lennon. Toque que passa pela pele, pela emoção e até por uma publicação impressa como o nosso *ECHUS*, que tanto amamos e cultivamos e no qual nos espelhamos e nos eternizamos.

Uma pesquisa inglesa já comprovou que em plena era digital, da Internet e do celular, a mídia impressa continua em alta. Uma das razões: a maioria dos leitores deseja "**tocar**" e checar a notícia **in vivo**. Assim, ao ir ao banheiro, não se leva o computador, mas muitos vão com o jornal diário, devorando as notícias e manchetes de cada dia.

Ao surgir em novembro de 1993, no século XX, o Informativo *ECHUS*, dos ex-alunos do Seminário de São Roque, no Ibaté, por iniciativa de uma equipe de idealistas, entre os quais, Márcio Pereira, José Justo, Francisco Fierro, Atílio, Darcy Corazza, Luiz Furnaletto, Carlos Cosso, Heládio Bispo, Adahir Guarnieri, Francisco Fanchini, Alfredo Barbieri, Gilberto Lucarts, Sérgio Fioravante, foi uma epifania, uma revelação que nos uniu e nos ressuscitou, ao registrar a história e as lembranças de um tempo quando nós, jovens, éramos eternos, felizes e promissores.

Na condição de jornalista, já registrei vários depoimentos de colegas como o Justo, o Mosca, o Atílio, o Barbieri, Fuga (Rolando Zani), Corazza, Fierro, Perereca, Letterino, Simões, Paçoca, Paulo Toschi, José Pinheiro, Walter Barelli ou Domingos Amstalden, sobrinho do eterno padre Constantino, sobre o nosso Boletim, nossa história e trajetória.

Uma das seções com grande lobo é a **PHOTO ANTIQUA**, que já registrou momentos históricos de nossa trajetória, a exemplo do *ECHUS* no. 40, com o cenário de fundo de um trem da Sorocabana, que não existe mais, além de registros de nossos mestres, como Constantino Amstalden, Pe. Paschoal Amato, Expedito Marcondes, Ruy Amaral, Mons. Kulay, Mons. Luiz Gonzaga, entre outros.

A seção mais triste, mas inevitável é **NA CASA DO PAI**. A mais dinâmica, com certeza, é a **MENSAGENS RECEBIDAS** dos leitores, mantendo nosso *ECHUS* um veículo vivo e mutante! E a mais bem vinda, com certeza, a **CONTRIBUIÇÕES**, para manter o nosso *ECHUS* vivo!

Um senão: oi, *Wilson Mosca*, por que não incluir em cada edição um mini-editorial, a exemplo do que ocorria nas edições iniciais?

Conclusão: hoje, esperamos, a cada mês, que o envelope marrom, sob a porta, nos traga as notícias de um futuro passado, que foi nosso e que continua a pulsar em nossas mentes e corações, à semelhança de "O tempo e o vento", de Érico Veríssimo: precisamos resistir e insistir como o vento, apesar da fragilidade do **tempo**.

(\*) *José Wolf, 68, filósofo e teólogo, é jornalista em São Paulo - (11) 3259.6866 - josewolf@ig.com.br*

## Aceita um cafezinho?



Informamos nossos prezados leitores que, iniciada recentemente, já está em andamento nossa **Campanha de Arrecadação de Fundos para o Echus (CAFÉ)**. Uma campanha que se fará constante e perpétua. Cada um dos membros da *Turma do Ibaté* recebe em sua casa este cafezinho, ou seja, uma correspondência cuja finalidade é estimular, conscientizar e fazer lembrar a importância da **contribuição financeira para a manutenção e existência de nosso informativo**. Sabemos serem muitos os abstêmios ou hipersensíveis, mas vários estudos e pesquisas têm demonstrado que este café é muito especial; diferentemente do tradicional *coffea arabica*, não contém elementos tóxicos ou irritantes e também não provoca a temida perda de sono. Pelo contrário, ele é um tônico de ação fortificante, composto por benéficos princípios ativos que aumentam o sentimento de pertença e de companheirismo, combatem a depressão e a exaustão e promovem a aproximação dos amigos, sendo por isso um reconhecido revigorante e rejuvenescedor. E faz bem para o coração. **Aceita um cafezinho?**

**FUTEBOL & CHURRASCO EM ITATIBA** - Lembremo-nos todos, conforme já anunciado em nosso número anterior (e reveja lá os detalhes), que neste próximo dia 19 de Agosto, mais uma vez vamos nos reunir. O convite é feito pelo casal amigo, **Rovirso Boldo (64/69)** e **Oksana Dziura**, que gentilmente nos oferece as delícias e o conforto de sua chácara em Itatiba. Futebol, churrasco e efusivo convívio fraternal de todos os membros da *Turma do Ibaté*.

# IN PSALTERIO DECEM CORDARUM

JOSÉ MOREIRA DE SOUZA (\*) [55/59]



Para Pe. Expedito, Pe. Vieira, o entoado Pe. Jair, Seu Juquinha, João Batista, Oto Danna, Manuel Barja (Manolo), Isaias, Clóvis Baroni, Alberto Pimenta Júnior, Celso David Scuola, Perereca e todos os que nos conservaram o espírito musical. E também para Waldemar Waldyr de Faria, Antônio Juradyr Amadi, Pe. Paschoal Amato, Pe. João Maria César de Resende, Letterino Santoro, Nílio Antonino Vieira, Décio Pereira, Tiago Alexandrino Etelvino, Joel Hirenaldo Barbieri, Giustino Bottari, Nazaré dos Reis, Getulino do Espírito Santo Maciel, Valdevino Soares de Araújo, Roberto Mecelis, Egídio Aires Marques, João Fernandes Felício, Luiz Antônio Rosati, Antônio Carlos Correia, e todos que fixaram em registro nossos instantes poéticos.

## Amantíssimos colegas,

Primeira aula de música:

Construir uma pauta. Pauta se chama também pentagrama. Logo abaixo da última linha - claro, a primeira de baixo para cima - colocar, obediente ao mesmo espaço entre as linhas, um risquinho e uma esfera no meio dele.

Esqueci.

Após riscar cinco linhas horizontais equidistantes, desenhar um  $\text{E}$ .

Colocar dois pontos; um acima da segunda linha e outro imediatamente abaixo. No espaço vazio, certo?

$\epsilon\upsilon\rho\epsilon\kappa\alpha$ . Descobrimos a clave de Sol.

A bolinha cortando o risquinho é um dó - paulista diz dô, mineiro, dó; tem dó!

Bater o pé quatro vezes em intervalos iguais enquanto entoar Dóooo.

Seguir para o espaço acima, fazer outra esfera: é Ré.

Quatro batidas com o pé: Réeee.

Primeira linha: Mi. Miiii.

Espaço entre a primeira e a segunda linha: Fáaaa.

Segunda linha: Soooool!

Viva... é aí.

Ajoelhar.

Olhos fechados. Oração da Noite.

Olhos semicerrados, contemplar a Senhora do Sagrado Coração:

Fixar o coração no Sol e fazer ecoar a nota no plexo solar:

*E em segredo eu fazia interiormente*

*A Jesus Cristo a prece mais fervente:*

*“Por vossa Mãe, Senhor meu Jesus Cristo,*

*Salvai-me deste monstro nunca visto*

*Se a minha súplica exaudis clemente,*

*Renunciarei às pompas de Mefisto”.*

*Eu era orando assim, bem que inocente,*

*De um povo inteiro, o intérprete inconsciente.*

*Eu era orando dolorosamente,*

*Ao mesmo interno pânico obediente.*

Este solilóquio/sonilúnio ecoa um salmo na inspiração do José Severiano de Rezende <sup>(1)</sup>. Noite adentro, prossegue o impulso salmódico:

*Despede-se da terra a luz do dia*

*E a noite sobre a terra aos poucos desce...*

*Ah! Se a pungente dor que nos crucia*

*Passasse como a luz que desfalece!...*

*Ponho todas as súplicas ardentes*

*a teus pés, rumo a Deus, pura alegria,*

*e ajoelho no fervor feliz dos crentes....*

*Ave, Maria!...*

Karl May, <sup>(2)</sup>, o autor de nosso despertar para os exageros juvenis, canta conosco.

Nossas poesias contêm salmos, ecos de salmos.

Que fazemos?

Da grande capela do Imaculado Coração de Maria brotam autores, em longa litania <sup>(3)</sup>:

*Repercuta ainda em mim,  
qual um eco do passado,  
meigo, doce, prolongado,  
aquela Salve Regina  
que fere à noite o silêncio,  
e as trevas quase ilumina,  
enchendo de clara graça,  
os enormes corredores,  
os corredores vazios  
que se elevam dentro d'alma,  
a repetir sempre viva,  
em cantochão delicado,  
a voz da antiga inocência.*

Temos o Letterio Santoro, “de um povo inteiro o intérprete inconsciente”. <sup>(4)</sup>

Vale prosseguir. Olhos fechados, plexo solar aberto, cantando em SOOOOL:

*Sei, sim,  
que tenho que partir.  
Quero levar as palavras  
que não disse,  
os pedaços de meu presente  
que não usei  
e todo o passado  
vivido e morto...  
Não me voltarei  
e nem olharei  
o rastro de meus passos.  
Vou confundir-me  
com a linha do horizonte  
e aprisionar-me  
nos primeiros raios de sol.*

Waldemar Waldyr de Faria eterniza seus instantes poéticos <sup>(5)</sup>.

Em “Reviver”, este autor nos remete à solene fala do portavoz Alfredo Barbieri, num dos primeiros encontros.

Barbieri declarou no mais belíssimo latim macarrônico que todo RE não traz nada do passado, apenas o espanto de um presente que se quer negar. [Por favor, Barbieri, volta a publicar esse texto.]

Cantemos o Reviver do Waldemar:

*Caminheiro,  
tive pés feridos e ombros calejados.  
não acreditei nos abrolhos,  
Nem na Cruz.  
Fizeram-me um Getsêmani  
tão delicioso,  
que criei outra Ceia,  
outro Pão e novo Vinho.  
Judas, por certo, estava de folga.*

É isto, amantíssimos colegas: o modo mais feliz de acolher os instantes poéticos é colocá-los no plano dos salmos, monótonos, monódicos e viscerais.

Habilitados, podemos circular pelos oito tons gregorianos, aos quais vale acrescentar ainda o *tonus peregrinus*:

*In exitu Israel de Aegypto,  
Domus Jacob de populo barbaro.  
Mare vidit et fugit,  
Jordanis conversus est retrorsum.*

## Notas

1 - **Poema Ephialta**. in *Mistérios*. Publicado pela primeira vez em Lisboa, 1920. Reeditado em 1971 pelo Centro de Estudos Mineiros da UFMG. Severiano de Resende foi padre ordenado em Mariana, Minas Gerais. Meio simbolista, meio parnasiano e meio modernista.

2 - **Winnetou**, vol III, Porto Alegre, Globo, 1970, p. 298. Como se vê, Karl May é meu autor clássico. O encanto não se rompeu. ("Leituras", Eduardo Lima, *Echus*, ano 14, nº 83. Meu Karl May do presente vale pelas lições dos *Herdeiros de Winnetou* e, como afirmei em outra oportunidade, modelo da descoberta da vocação de um excluído como menor infrator. "De te fabula narratur" - diria Karl Marx. Na oportunidade da publicação de meu texto "Karl May no Ofertório", Décio Pereira (Dom), colega de sala e grande companheiro de aventuras literárias, sugeriu que eu escrevesse também sobre minha outra paixão de adolescente, Padre Antônio Vieira. Leio Karl May com o espírito de Vieira, à busca das antíteses - "Sempre que me lembro do índio, vem-me à mente o turco" - Winnetou, "Introdução. "Caro leitor, sabes o que significa a palavra *greenhorn*? É um título depreciativo que se lança em rosto de alguém para magoá-lo, para feri-lo. (...) E de *greenhorn* não passava eu na época em que comecei a viver os fatos que relato a seguir". Winnetou, vol I. "É verdade sidi que pretendes continuar um djaur, um infiel, que é mais repelente que um cão, mais repugnante que um rato, cujo alimento é a matéria pútrida? - É verdade!" *Através do Deserto*. E leio Vieira com o espírito de Karl May- Santa Iria era uma virgem prudente que estava com a lâmpada apagada no momento da chegada do esposo" - vol IX. Em ambos, admiro a ousadia. "E com terem tão pouco dos céus estes que isto fazem (Os administradores que vêm ter ao Brasil), têm-los retratados nas nuvens". Sermão da Visitação.

3 - Alusão à "**Litania dos pobres**" de João Cruz e Souza: "os miseráveis, os rotos/ são as flores dos esgotos". Poesias Completas. P. 128. ver também: "Andei errando por funestas tendas / Onde das almas escutei as lendas". "Luar de Lágrimas" p. 155.

4 - Poema "**Salve Regina! Travessia**", 2005. p. 40.

5 - "Fim" in *Poemas avulsos*. 1995.

(\*) **José Moreira de Souza**, 65, sociólogo e professor da UFMG, pesquisador da Escola de Governo da Fundação João Pinheiro e coordenador de pesquisa e pós-graduação do Centro Universitário Newton Paiva de Belo Horizonte. Autor de *O todo, o uno e o múltiplo* - Belo Horizonte, 1985. (31) 3448-9593 - [josemoreira@superig.com.br](mailto:josemoreira@superig.com.br)

## CASO EDIFICANTE

### MARCANDO ENCONTRO

JOSE LUI - Caipira (49/56)\*



A Formiga, a Cigarra e a Centopéia combinaram de se encontrar na casa da Formiga para uma confraternização.

A Cigarra chegou na hora marcada, sem atrasar um minuto, ao passo que a Centopéia só chegou depois de uma hora e a Formiga, já muito preocupada,

perguntou:

- Por que você demorou tanto para chegar?
- É porque na porta tem um aviso escrito assim: "Por favor, ao entrar, limpe os pés".

(\*) **JOSÉ LUI**, 69, filósofo e teólogo, administra o Cemitério *Gethsêmani Anhangüera* em S.Paulo-SP. Tel (11) 3284.3316 - [roselui@picture.com.br](mailto:roselui@picture.com.br)

## O IBATÉ E O ARQUIVO METROPOLITANO DA ARQUIDIOCESE

Um grupo de ex-alunos do nosso antigo Seminário do Imaculado Coração de Maria vem dedicando, desde novembro de 2005, um dia de trabalho voluntário ao Arquivo Arquidiocesano de São Paulo.

O Arquivo fica na Av. Nazaré, 993, local do antigo Seminário Central do Ipiranga. Ele reúne um dos maiores acervos eclesiais do Brasil aberto às pesquisas universitárias e à comunidade paulista em geral. Inúmeros de seus documentos têm tudo a ver com a história do desenvolvimento de São Paulo.

Seu presidente é nosso colega ibateano Segu Girona, ou melhor, Cônego Dr. Martin Segú Girona, aluno de São Roque entre 1950-1954. Côn. Segu está organizando um significativo **banco de dados** para ampliar ainda mais os serviços para a comunidade e ser um ponto de partida para a realização de cursos, pesquisas históricas, publicação de livros e outras atividades de caráter cultural, civil ou religioso.

Numa das reuniões semanais, surgiu a idéia de solicitar aos ex-seminaristas do Ibaté a doação ou empréstimo de documentos pessoais, tais como fotos antigas, artigos, obras literárias de própria autoria, toda documentação, enfim, a ser destinada a preservar a memória e a história do nosso Seminário e de todos os ex-alunos do período de 1949 a 1973. Nesses anos todos, por lá estudaram ou se formaram mais de mil jovens e adolescentes.

Compreende-se que, às vezes, um documento tenha algum significado especial para o seu dono e, por essa razão, não possa ser doado, mas apenas emprestado. Não tem problema, porque será devolvido logo após o Arquivo providenciar uma cópia dele.

O envio generoso desse material irá contribuir significativamente para enriquecer ainda mais o Arquivo da Arquidiocese e contribuir também para a história de São Paulo.

No presente momento, a documentação está sendo reunida pelo colega Attilio para cuja residência poderá ser enviado o material solicitado.

Endereço: **Attilio Brunacci** - Rua Dr. Joaquim de Carvalho, 96 - 04714-040 São Paulo SP

## Fluxo Financeiro - Posição até 18/07/2006

POSIÇÃO EM 05.06.2006 .....6.288,01

### ENTRADAS

Contribuições e doações .....2.720,01

Juros.....44,64

TOTAL ENTRADAS.....2.764,65

### SAÍDAS

Postagem Informativo nº 85 + Cartas Doação.....955,85

Impressão Informativo nº 85 .....700,00

Kalunga nf 734554 etiquetas.....51,02

Kalunga nf 315385 envelopes.....51,46

Despesas Bancárias.....43,75

TOTAL SAÍDAS.....1.802,08

SALDO ATUAL 18.07.2006.....7.251,10

Tesoureiros: Carlos D. Cosso - Wilson Mosca - Gilberto Lucarts

# Jésus

ANTÔNIO CARLOS CORREA - Careca 64-67 (\*)

... Menino Deus, quando tua luz se acenda  
a minha voz comporá tua lenda.

E por um momento haverá mais futuro do que jamais houve.  
Mas ouve a nossa harmonia, a eletricidade ligada no dia em que  
brilharias por sobre a cidade...

Caetano Veloso – *Menino Deus*



**D**urante seus 25 anos de existência, cerca de 1.300 meninos estudaram no Seminário de São Roque. Vários ali permaneceram o tempo máximo de 7 ou 8 anos de formação; há também os que ficaram poucos dias, algumas horas apenas. E no quadro geral, é natural que encontremos vários que se tornaram, digamos, famosos, seja devido a aspectos de sua personalidade ou extensão de sua permanência ou ainda por haverem se destacado em atividades naquela casa de estudos. Durval de Almeida, o Sapinho, Eurico, Viriato Antão, Bexigão, Geta, Beta e Bitá, Cândido da Costa, os Torcatos, Minguito, Heleno Cesarino, Cof, Berdoega, D'Elboux, Donzé, Quinzinho, Estilingue e Estilinguinho, Zaqueu, Espírito Santo Amaral, Zé Galé, Corazza, Paçoca, Vigão, Sun, Pinduca, Kiro, Macaco e Macuco são alguns exemplos cujos nomes foram cinzelados na mente de vários alunos. Mas não na de todos! Há, entretanto, uma personagem que nesse sentido extrapola qualquer avaliação. Tal qual um cometa, atravessou os céus daquele educandário de levitas por apenas 21 dias e deixou indeléveis impressões em nossas almas.



Mesmo para aqueles que não tiveram a chance de conhecê-lo pessoalmente, seu lendário nome e sua imagem - decididamente infundidos e cultivados em nós - eram uma presença constante em nossa vida. Sua história sobrepassa todos os momentos e sempre ecoou em nosso ser por estar extraordinariamente associada à delicadeza e ao imenso mistério que compõe a vida humana. Jêsus, palavra que vibra intensamente dentro de nós: JÊSUS CANELA GOTTARDELLO.

Seu pai, Sr. Lourenço Gottardello, aos dois anos de idade, foi vítima da poliomielite, vindo a perder o comando dos membros inferiores. Desde então, adaptando-se às seqüelas - superando-as, melhor dizendo - e sem o uso de aparelhos, passou a praticamente engatinhar, como um bebê, modo esse que muito impressionava as outras pessoas, exceto a ele mesmo, que bravamente reagiu ao fato, o que o fez desenvolver-se social e afetivamente, chegando a ser figura de destaque no meio político da região. Toda sua vida foi exemplo de resiliência. Apesar dessa deficiência, era tratado e percebido como uma pessoa absolutamente normal, vindo a casar-se com a Sra. Sílvia Canela Gottardello. E logo o casal engravidou. *Seria um menino ou uma menina? Será que a criança viria a padecer do mesmo mal que seu pai?* Assombrados por dúvidas, angústias e incertezas, em sua promessa, firmaram que, se fosse um saudável menino, por reconhecimento e gratidão, seu nome haveria de ser Jesus. Sob essa atmosfera, o mineiro de *Monte Sião* nasceu em 28.08.1935, no seio de uma humilde família de imigrantes italianos. O clima religioso da casa paterna e sua vida paroquial foram a primeira escola de vida cristã, que marcou a sua fisionomia espiritual.

O tempo passava e o garoto, amado por todos, se desenvolvia normalmente: estudava, brincava como todos; empinava papagaio, nadava nos rios da região e se fortalecia. Ainda que muito ligado ao pai, pois sempre o acompanhava de carro em seu trabalho, não hesitou em aceitar a proposta de transferir-se da escola em que estudava, na cidade de Ouro Fino, para outro lugar mais condizente com seu puro perfil. Coroinha da igreja local, veio a conhecer uma senhora ligada à *Obra das Vocações Sacerdotais*, Dona Cândida, mãe de um garoto que já estava no seminário. Foi então que se matriculou no *Seminário*, sob a direção do saudoso Mons. João Pavésio, em São Paulo. Era o ano de 1950. E lá conheceu seu grande amigo, Joel Hirenaldo Barbieri. Terminou ali seus estudos primários, preparando-se para dar entrada no Seminário de São Roque em 1º. de fevereiro do ano seguinte. Queria ser padre.

Fundado em 1949, o Seminário de São Roque abrigava, naquele ano de 1951, 204 meninos, 90 dos quais eram novatos. Todos eram distribuídos por turmas conforme sua idade: maiores, médios e menores. Jêsus fazia parte da turma dos médios; já contava 15 anos, um rapagão grandalhão e forte. Adaptou-se bem aos jogos nos primeiros momentos e, bom nadador que era, costumava iniciar os menos habilitados na arte de boiar e mergulhar. No entanto, socialmente era tido como “*de poucos amigos*”, jeito esse perfeitamente compreendido e acolhido por seu amigo Joel: “*na verdade ele era um menino muito tímido e desajeitado; estava apenas reconhecendo o lugar e aos poucos ia se adaptando... eu o conhecia muito bem*”. Ou pelo Pe. João Resende: “*... era bom, simples, alegre e acanhadinho, como os meninos de minha terra de Minas, e correspondia com provas de muita atenção e bondade a tudo o que se lhe fazia..., modesto, dócil, obediente e digno da confiança dos superiores*”.

Sim, estava num período de adaptação, como tantos outros, mas chegou a pronunciar-se: “*Padre, depois do retiro, não mais estarei aqui*”. O padre João Resende não queria acreditar, mas ele insistiu: “*É verdade, não estou mais aqui; vou embora do Seminário...*”.

Naquele dia 21 de fevereiro, após ter engraxado os sapatos do Pe. Resende, “*com carinho e perfeição*”, foi divertir-se na piscina com sua turma. É certo que antes havia devolvido seu almoço, mesmo assim, familiarizado, lançou-se valentemente naquelas águas, fazendo jus a seu nome, assim como seu pai diante de sua doença, *Gottardello*, derivado de *Gotardo*, que significa “*valente pela força de Deus*”. Mas logo retornou: algo não lhe parecia muito bem. Já erguido, caminhando pela

beira da piscina, novamente sentiu algum incômodo vindo a perder os sentidos. E caiu. Caiu dentro da piscina. Ele era portador de problemas cardíacos. Os garotos da parte rasa, seus 'discípulos', notaram que demorava a retornar e disseram entre si: "*Hoje o Jéus vai nos ensinar um mergulho novo, que acabou de inventar!*" Mas não ... até o padre Ministro da Disciplina, que zelava ali por todos, estranhou o longo tempo e estendeu-lhe um bambu, mas não deu certo e, mesmo sem saber nadar, mergulhou no profundo, ainda que vestido em sua batina. Acompanhou-o o amigo Washington Vianna, o primeiro a tomá-lo nas mãos e conduzi-lo à beirada. Socorrido por todos, foi conduzido às dependências do seminário, morro acima, nos fortes braços de Edgar Egushi, o aluno-enfermeiro.

A má notícia já havia se espalhado por todos os cantos e os alunos se encontravam em concentração na capela. É quando ali surge o Egushi, desesperado e aos gritos de pavor: tentara aplicar-lhe uma injeção, mas tomou consciência naquele instante de que o valente menino havia falecido mesmo. Que tristeza! E o pavor?! Nessa dura hora, Padre João Resende é o grande zelador e se esforça para amenizar os ânimos da garotada completamente atordoada. E é nesse exato momento que por ali aparece um outro menino; acabara de dar entrada no seminário o Darcy Cargnelutti: tinha passado por problemas de saúde naquele início de mês, por isso sua admissão foi retardada. Que hora para chegar! Tomado de extrema surpresa, mesmo assim ele resistiu a essa consternação geral.

Aquela noite foi terrível. Havia muito medo pairando no ar. Ninguém dormia e os pesadelos mesmo assim aconteciam. Noite tétrica e interminável. Nunca ninguém se esqueceu dessas horas.

Orações banhadas de lágrimas pela imensa dor. Na capela, a presença do Cônego Olavo Pezzotti, convidado que fora para a pregação do retiro espiritual: "*Nosso Senhor quer fazer no Paraíso um seminarinho. Veio aqui em busca de nosso Jéus para que lá ele seja o primeiro aluno. Jéus Gottardello é o protetor das vocações do Seminário de São Roque, padroeiro dos estudos e da formação seminarística, igual ao S. Domingos Sávio*".

E vem enfim a manhã. Chovia a cântaros. O Luizão e o Padre Expedito tinham ido a S. Paulo e de lá telefonaram para o Pároco da igreja em Monte Sião. A família recebeu a funesta notícia. Surge então um homem aflito, o Sr. Lourenço, claudicante e enlameado. Rasteja-se por aqueles degraus e pula rapidamente sobre uma cadeira, impressionando toda gente. Debruça-se em lágrimas e soluços sobre o corpo inerte de seu filho querido. Jéus, tempos antes, interpelara sua mãe a respeito do pai: "*Quando a senhora conheceu o pai, ele já era assim?*". Aquelas imagens chocavam demais. Heralcina, sua irmã, Sílvia, sua mãe, Dr. Euclides, o médico, os mestres, os sacerdotes, os serventes, as freiras, os alunos todos ali juntos, às centenas, prestavam-lhe aquela última homenagem. As tempestades, as trovoadas, a densa umidade, a lama e aquele estranho homem, com sua invulgar deficiência; todos esses elementos juntos moldaram um quadro que potencializou a já não pequena dramaticidade daquele triste momento.

A família estava reunida ao redor de seu caixão. Era este o momento programado pelo amigo Washington Vianna para dizer algumas palavras àquela pobre mãe, pois sabia muito bem o tamanho de sua dor, mas foi tomado de colossal emoção. Em sua tímida e encabulada garganta, embaraçaram-se os versos não proferidos. Guardados por todos esses 55 anos, hoje podem, enfim, ser expressos:

**Mamãe, não chores mais.  
Vês, eu dormia  
na minha sepultura branca e esguia  
a sonhar com os anjos do além.  
E o seu pranto acordou-me.  
E ele é tão triste  
que a minha alma de filho não resiste.  
E eis-me, portanto, a chorar também.**

Diante da encharcada sepultura, plangia aquela mãe no lodaçal do cemitério de São Roque: "*Tirei da água e enterrei na água*". Não tendo sido possível o traslado do corpo, posto que se o fizessem, a urna não poderia ser aberta, Monte Sião viveu um luto sem fim e Dona Sílvia chorou esse menino até o final de sua vida. Anos após, os restos mortais daquele jovem acabaram sendo extraviados. Não muito tempo atrás, em 1996, nosso amigo Asdrúbal Baruffaldi - o mesmo que na festa das mães de 1951 encarregou-se, em nome de todos, de declamar uma elegia a Dona Sílvia - também lembrou-se de Jéus. Refletia-se no amargo padecer do Sr. Lourenço, pois enfrentava, quiçá, o mais difícil momento de sua vida: perdia ele mesmo o seu garoto, o Rafael.

A partir desse acontecimento, tudo começou a se modificar no seminário. Inúmeras alterações comportamentais. Durante vários anos evitou-se tocar no assunto, uma ferida que não se deixava cicatrizar. Como já nos contou o saudoso Andrietta (*Echus* 53): "*Os banhos de piscina eram rigorosamente controlados, com a presença sempre vigilante de um dos padres professores, ainda auxiliados por alunos confiáveis e mais experientes nadadores. Uma pequena imagem da Virgem fora colocada ao lado da piscina e, antes do mergulho, orava-se pela alma do Jéus e pedia-se a proteção divina para aquele banho. Os que ainda não sabiam nadar eram proibidos de sair da parte rasa*".

Quem quer que tenha testemunhado esses acontecimentos fará sua descrição pessoal, única, considerando-a verdadeira; e as versões, enfim, serão todas elas verdadeiras. Perde-se a objetividade diante de tamanha carga emocional. Misturamos nossas percepções aos vários sentimentos e impressões; fazemos infundáveis associações. Tudo isso acaba sendo purificado pela máquina do tempo e do amadurecimento. Restam-nos, no final, imagens; estas falam mais que as palavras. É por meio delas, das imagens, que se faz conexão com aquele longínquo acontecimento, ele se torna, então, um fato transcendente e mitológico. Tudo o que é dito a seu respeito parte de nosso coração. É assim que nascem as lendas. A historicização do acontecido e o relato dos fatos, o "por que?", passam para um segundo plano em nosso espírito; no presente, ganham importância apenas nossa busca de compreensão e a assimilação de seu sentido, o "para que?", no caso específico, para os membros de sua família, para a vida do Seminário de São Roque e para todos nós que por aquela casa passamos.

Vida-morte parece ter sido a principal estrela constelada nessa experiência. Durante anos e anos oramos naquela capela pela alma de Jésus Gottardello, também à beira da piscina, em todos os novembros desde então, ou ainda hoje, em nossos encontros ou em nossa intimidade. E assim observamos que os meninos do Ibaté, apartados do mundo junto àqueles prédios e por aquele regime disciplinar, tomaram contato com a morte e a necessidade constante de transformação não apenas através de sacrifícios, penitências e cilícios. Não foram poupados da participação concreta. A morte não é terrível; ela é natural. Era, então, a vida se impondo e forçando-nos a tomar consciência da necessidade de morrermos a todo instante. Só assim ela é consagrada. Só assim conhecemos as realidades da alma. Morremos de vez em quando para poder ressuscitar.

A comunidade queria voltar ao normal, mas esse caminho não era fácil. Estavam todos arrasados. Quantas centenas de reuniões de decisão não devem ter acontecido? Reflexões. Quantas lágrimas ainda derramadas? Jésus era sempre pensado e sentido. O abalo tinha sido muito grande. Intenso o sentimento de culpa pela imprevisibilidade; frustração diante da fatalidade; medo e insegurança de outro evento semelhante. Tanto sofrimento; alguns mais que outros. Muitas lições a serem aprendidas. Incontáveis noites em claro!

Foi assim que Padre João Resende definitivamente perdeu o sono. É bem certeza que tenha sido ele uma das pessoas mais machucadas nesse episódio, tanto é que por seguidos anos manteve contato com a tia Ernesta, que morava em São Paulo. Ele tinha certeza de que o menino de Monte Sião, ao dizer-lhe que iria embora do seminário, fazia, sim, a sua despedida, intuída e inspirada por Deus. Não conseguia tirá-lo de sua cabeça, de seus pensamentos. *Domini, constitutus est in monte sancto ejus*, rezava sempre em seu breviário, cogitando a sincronicidade de Monte Sião. Sentia que Jésus voara direto para o céu, mas queria ter certeza disso. Essa perplexidade deixava-o muito agitado. Eis a razão de não conseguir dormir, julgava. Ajoelhou-se e rezou por nove dias. Fez um pedido; suplicou ao Pai por um sinal - ainda que uma singela flor - que lhe propiciasse então a certeza de que Jésus estaria bem, muito bem acolhido; que havia sido recebido pelos anjos no céu.

Passados os nove dias, numa certa noite, bate à porta do seminário uma freira toda de branco. Ela é atendida por uma de nossas irmãs. Dizia estar vindo apenas para trazer uma encomenda ao Padre João, que lhe fosse entregue. Deixa ali uma rosa branca e vai-se embora. O sacerdote é logo avisado. Todos correm afoitos pela ânsia de saber quem fora a portadora e de onde houvera surgido. Vaguearam na escuridão por horas sem ninguém encontrar.

Agora sim, o Padre João poderia voltar a dormir tranqüilamente.

(\*) ANTÔNIO CARLOS CORREA, 54, é psicólogo em São Paulo. (11) 5575.5013 - acarlos90@uol.com.br

**Obs. Jésus** é a pronúncia de seu nome, **Jesus**, e como tal era conhecido no seminário, devido ao freqüente uso da língua latina. Agradecemos o acesso a documentos e os vários relatos de José Justo da Silva, Joel Hirenaldo Barbieri, Silvana Gottardello Jacomassi, Heralcina Gottardello Jacomassi, Maria de Lourdes Gottardello, Ivam Aparecido Gotardelo Pacheco Júnior, José Esmar Gottardello Rielli, Antônio Joaquim Andrietta (*in memoriam*), Renato Artamendi (*in memoriam*), Asdrúbal Ângelo Baruffaldi, Darcy Corazza, Luiz Contin (*in memoriam*), Washington Luiz Vianna e Padre João Maria César de Resende (*in memoriam*).

## A VOCÊ, JOVEM QUE PASSA...

Antônio Jurandy Amadi - Kiro (51-57)



Este corpo que jaz na sepultura viveu, sonhou nos céus adolescentes... e julgou encontrar por entre as gentes os louros que também você procura.

Mas a noite desceu sinistra e escura envolveu-me e levou-me destes entes que eu amei..., que deixei tristes, plangentes, num mundo de incerteza e desventura!

Hoje aqui estou sozinho, sem mais nada, tendo por mansão - laje desolada, companheiro é o silêncio, ou a idade!

Aqui está o corpo e a vida terminada, mas a alma lá nos céus, na eternidade, tem sonhos que não deu a mocidade!

(\*) ANTÔNIO JURANDYR AMADI, 68, também ex-aluno do Seminário de Pirapora, turma de 1948, é engenheiro, pesquisador, escritor, poeta e tradutor do grego e do latim. Itupeva-SP. Tel. (11) 4592.1177

**Amigo do Ibaté, examine bem suas gavetas: quem sabe nelas você ainda encontre aquelas tão saudosas poesias, aqueles magníficos ensaios e contos, tantos sonetos e trovas e as tão queridas memórias ou crônicas, que você sempre pensou em publicar um dia. Não hesite em enviá-las agora para o nosso informativo. O Echus do Ibaté nasceu exatamente para isso: para divulgar toda a sua criatividade e arte.**

## PASSAGENS

Euclides Albino Dos Santos - 53/59 (\*)



Há alguns que passaram nesta terra Sem deixar rastro, pegadas ou memória. Passaram sem deixar filhos ou história, Hoje jazem de todos esquecidos. Há outros que até na luta entraram. Tentaram por todos os meios encontrar Um lugar ao sol e deixar pegadas Mas sucumbiram ao peso da derrota

E no silêncio da memória remota Foi como se nunca tivessem existido.

Há aqueles que viveram parcamente, Tão tímidos, tão sós, tão pequeninos Que nada marcou o seu destino. Passaram por este mundo escondidos Como se nunca tivessem nascido.

Para fugir desse anonimato, Para provar que existi de fato, Embora não deixe posteridade, Escrevi estes maus traçados versos Que embora digam que não prestam, Provam minha passagem pela terra E neles crio minha eternidade.

(\*) Euclides Albino dos Santos, 68, é poeta, escritor e professor de Língua Portuguesa em Rancharia-SP. Tel. (18) 3265.2217 - radioesperanca@novolink.com.br



# MENSAGENS RECEBIDAS



*Fazer vínculos é viajar no tempo  
Em cada estação, um novo apito*

ZEQUINHA (JOSÉ LUIZ BRANT DE CARVALHO - 51/58)

**ANDREA CANNARELLA** (64 Assis-SP) - Prezados amigos, confesso estar em falta com todos por nunca ter me comunicado. Explicações e justificativas à parte, faço-me presente agora para dizer do imenso prazer em não ter sido esquecido e de ter sempre recebido o Informativo. Parabéns a todos os realizadores deste veículo de comunicação entre colegas. Um forte abraço a todos. Tel (18) 3322.3675 - [canarela@femanet.com.br](mailto:canarela@femanet.com.br)

**ANTÔNIO EXPEDITO MARCONDES, MONS** - Vaticano - (Professor de Latim, Matemática e Música no Seminário de S. Roque entre 1952 e 1959. Por vinte anos, foi o Diretor da edição semanal em língua portuguesa de *L'Osservatore Romano*; atualmente é Cônego da Basílica de São Pedro) - Fizemos recentemente uma consulta com o Monsenhor sobre a possibilidade de contar-nos alguma história sobre a Banda Santa Cecília, fundada por ele e também sobre seu tão famoso maestro, o Sr. João Correa da Silva, mais conhecido por Sr. Juquinha ou Maestro Bolinha. Seriam recordações dos tempos iniciais do Seminário. Eis suas admiráveis e bem humoradas palavras: Prezado Antônio Carlos Correa, em primeiro lugar, renovo meu agradecimento pelo envio do último boletim "Echus", com tantas notícias que ajudam a gente a matar saudades dos velhos tempos de São Roque. Quanto à fundação da Banda, não se pode esquecer a generosa contribuição do nosso querido Cardeal Arcebispo, D. Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta, que aceitou a nossa idéia (minha, do Pe. Waldemar Conceição e do Pe. Francisco Manoel Vieira) para levar avante a fundação da Banda. Eu tocava, pistão, o Waldemar, o bombardino, e o Vieira, a clarineta. Quanto à vida de nosso saudoso maestro Juca Bolinha, recordo-me muito bem que era de Jundiá. Tive a alegria de tê-lo maestro da nossa Banda, em Pirapora, quando lá estudei de 1939 a 1943 e comecei a aprender um pouco mais de música com o nosso saudoso Côn. Lino Foureaux, da Ordem Premonstratense, e assim fui admitido com um "bandido" tocando um velho sax e depois passei para o trombone. O saudoso maestro tinha uma verruga muito grande no nariz, o que impressionava a todos, e gostava de ser movido a "álcool", isto é, não passava sem uma "pinguinha" que lhe servia de "inspiração" artística, e quase sempre se vestia de terno branco. Lembro-me que certa vez, em São Roque, ele pediu a uma das Irmãs que lhe desse um copo para levá-lo ao quarto; e depois soubemos que a desculpa dada à religiosa era para beber "leite", quando na verdade era para assim matar a vontade de alguma "inspiração" que ele trazia da própria casa. Era pontualíssimo à hora de ensaio geral e tinha uma paciência de Jó para agüentar tanta desafinação e dificuldade dos jovens "bandidos" em aprender os seus célebres "dobrados". Desculpe-me se não posso satisfazer melhor, mas é que não conservo nada escrito e confio muito na memória, que às vezes falha, e além disso estou ficando velho... (caminho para os 80). Aceite meu abraço e prometo não esquecer de todos nas minhas orações: fiquem com Deus e procurem sempre ser fiéis à formação recebida! Parabéns pelo excelente trabalho informativo sobre o nosso querido Seminário! Mons. Expedito emarcond@tiscali.it

**DANIEL GASPARINI** (ex-aluno do Seminário de Bom Jesus de Pirapora, turma de 1946/7 - Salto-SP) - Prezados companheiros do *Echus do Ibaté*, atendendo a sua solicitação, envio-lhes minha contribuição financeira. Volto a afirmar que venho recebendo pontualmente o *Echus*, o qual, leio com satisfação. Está ótimo. Continuem a editá-lo, como vêm fazendo. Um abraço. (11) 4029-3351.

**ELZA E GABRIEL ANDRIETTA** - (esposa e filho de nosso colega Antônio Joaquim Andrietta [55/57] Santo André-SP) - Olá Wilson Mosca, foi com muita alegria e emoção que recebemos o jornal *Echus do Ibaté*. Nós gostaríamos de agradecê-lo e dizer que temos certeza de que o Toninho iria gostar muito do que o sr. escreveu. Parabéns pelo texto! Tiramos várias cópias e mandamos para toda a família Andrietta. Um grande abraço.

**ERNESTO VELOSO DOS SANTOS** (59 - Cunha-SP) - Olá Simões, perdoe-me a indelicadeza por não entrar em contato com vocês nem mandar meu *email*. Acontece que sou um tecnóbico e minha relação com essa coisa chamada computador é muito estranha. Tenho recebido o *Echus do Ibaté* e sempre o leio com muito carinho. Parabéns pela iniciativa de arrebanhar os ex-seminaristas perdidos por esse mundo de meu Deus e lembrar algumas passagens das nossas vidas que, como no meu caso, já estavam perdidas na memória. Às vezes me meto a cronista do jornal da minha cidade, mas, dizem, sou meio cáustico. Se conseguir me conter, talvez escreva alguma coisa para vocês, dando o ar da minha graça. Mais uma vez, obrigado. (12) 3111.1325 - [jonivo@ig.com.br](mailto:jonivo@ig.com.br)

**HOLIEEN GONÇALVES BEZERRA** (50/55 - Louveira-SP) - Prezados amigos Antônio Correa e Carlos Cosso, meus agradecimentos a vocês e à equipe que se responsabiliza pelo nosso *Echus*. Além de ser um empreendimento jornalístico de primeira, no seu gênero, já faz parte de nosso cotidiano, quando queremos cavocar na memória de nossa adolescência. Encaminhei, via depósito em conta do Banco do Brasil, uma pequena contribuição para colaborar de alguma forma com a continuidade de nosso *Echus*. Muito obrigado. Abraço. (19) 3878.5553 - [holiem@fox.com.br](mailto:holiem@fox.com.br)

**JOÃO STECK** (58 - Brasília-DF) - Olá amigo Wilson, aqui em Brasília, ontem, 27/06, foi assim: 3 vezes aquele foguetório! Cada vez eu corria para a janela do apartamento para agradecer. Mas que decepção, ô meu!!! Na primeira vez o povo gritava: Ronaldo!!! Depois: Adriano!!! E na terceira: Zé Roberto!!! Qualé??? E prô JOÃO aqui, nada?!!! Mas hoje, abri minha caixa de correspondência eletrônica e encontro sua mensagem!!! Que alívio, finalmente encontrei alguém que justificasse aquela sentença que sempre ouvia: AMICUS CERTUS IN RE INCERTA CERNITUR!!! E lá se foi embora minha chateação... Mas sem brincadeira: muito obrigado pela lembrança de meu aniversário. Passei um belíssimo dia com Sussu, minhas filhas, meus netos, alguns amigos e atendendo telefonemas... A lembrança de vocês veio acrescentar mais alegria a isso. Obrigado. Abraço prá você, toda a equipe do *Echus* e amigos do Ibaté. (61) 3223-5309 [jsteck@solar.com.br](mailto:jsteck@solar.com.br)

**JOSÉ TADEU MAION** (62 - Jundiá-SP) - Caro Wilson, lendo nosso último informativo *Echus do Ibaté* encontrei o artigo "Um sonho, enfim, realizado", escrito pelo caro Oswaldo Buzzo, amigos que fomos durante o curto período que lá estive. Além de

muito interessante, nos faz lembrar com saudade da gruta de Nossa Senhora de Lourdes, como também, do pátio do recreio, que tanto ajudava a amenizar a vontade de rever pais e irmãos. Agradeço, do fundo do meu coração, a lembrança de que um dia fui aluno do MAJESTOSO IBATÉ. A você e ao Oswaldo um forte abraço. (11) 4521.9546 [jtmaion@ig.com.br](mailto:jtmaion@ig.com.br)

**KENYS MAZIERO** (65/66 - Jaboatão dos Guararapes-PE) - Caros colegas Ibateanos, é com muita alegria que recebo o Informativo *Echus do Ibaté* e cada vez que o recebo, me transporto para São Roque e fico tentando clarear minha memória e imaginando como serão os rostos de cada um de vocês, que fizeram parte de um dos melhores momentos da minha vida. Foi com o convívio daquela época, com vocês, com os ensinamentos e as orientações que recebi do Mons. Constantino, Pe. Luiz, Mons. Kulay (o cientista!) que pautei minha vida e meu norte e hoje sou o que sou. Vocês não fazem idéia da vontade que tenho de reencontrar um dia todos e abraçá-los e relembrar parte da minha vida. Já me programei algumas vezes, porém, por força do trabalho, não pude ir a São Paulo. Se tudo der certo, no próximo ano estarei aí com vocês. Quero enviar a todos o meu forte e fraternal abraço e que Deus os ilumine. (81) 3473.3227 - [kenysmaziero@hotmail.com](mailto:kenysmaziero@hotmail.com).

**LEÔNIDAS MOREIRA NETO** (52 - São Paulo-SP) - Estive em São Roque somente em 1952, quando ingressei no seminário, fazendo uma espécie de noviciado, já que já estava formado no colegial e apto para ir direto para o Seminário Maior. Pertencço, pois, à turma do Darcy Corazza, Walmir da Silva Gomes, Pe. Laerte Vieira da Cunha, etc. De 1953 a 1955 fiz Filosofia no Ipiranga e em 1956 fui para Roma tendo deixado o Seminário em 1957, para a alegria de meus 3 filhos, 4 netos e das minhas 2 mulheres, a falecida e a atual, Norinha. Abraços. (11) 3679.9128 [Imoreiraneto@terra.com.br](mailto:Imoreiraneto@terra.com.br)

**MARCOS GERALDO GUERRA** (55 - Belo Horizonte-MG) - Recebi com prazer o Informativo nº 85, sendo que o li com a atenção que sempre o faço. É a maneira que tenho de matar as saudades dos meus tempos (e que bons tempos!), que passei em Aparecida e São Roque. Cônego Moises, Pe. Jair, Cônego Luiz, Pe. João Rezende e muitos outros. Dos colegas, que eram muitos, impossível citá-los nominalmente, mas suas fisionomias ainda me são presentes. Safenado por duas vezes, ainda gozo de boa saúde, graças ao nosso bom Deus. Abraços a todos os ex-seminaristas e aos abnegados editores do *Echus do Ibaté*. Meu telefone em Belo Horizonte é (031) 3072.4399. Rogo as bênçãos do Todo Poderoso para todos. (31) 3072.4399 - [mguerralvs@terra.com.br](mailto:mguerralvs@terra.com.br)

**MARGARIDA ANDRIETTA** (irmã de nosso colega Antônio Joaquim Andrietta - 55/57) - Hoje, 23/06, recebi a página do jornal dos seminaristas, o que me causou enorme emoção. A Elza, viúva do Toninho, fez a gentileza de me entregar várias cópias para que todos os irmãos tivessem a oportunidade de ler essa bonita página que você dedicou a ele. Ainda amanhã, encaminharei a todos eles essa linda e emocionante mensagem sua. Quero agradecer em nome de todos nós. Com certeza, todos sentirão a mesma saudade gostosa desse nosso tempo. Um abraço com carinho e gratidão.

**MÔNICA GAMA** (esposa de nosso colega Miguel Carlos da Gama - 67) - Embora após um ano e meio, é com tristeza que lhes informo com pesar o falecimento de um dos seus colegas Ibateanos, o **Miguel Carlos da Gama**, ocorrido em 27.12.2004, vítima de latrocínio (roubo seguido de morte), ou seja, mais uma vítima da violência na qual todos nós vivemos. Fiquei viúva, com três filhos menores de idade, mas Deus tem me dado forças para suportar esta perda. Gostaria de continuar recebendo o Informativo que meu marido sempre recebia. Solicito, também, que, se alguém possuir fotos em que apareça meu marido no Seminário, se possível me envie uma cópia, para que eu possa mostrar a meus filhos.

**URLA ABRAHÃO DAHER** (51/53 - Barra Mansa-RJ) - Prezados Ibateanos, desculpem por eu não ter entrado em contato antes. Foi por falta de tempo e problemas de saúde. Fico feliz por receber o Informativo, pois as lembranças que guardo do Seminário são as melhores possíveis. Tenho saudades daquela época. Cheguei ao Ibaté pelas mãos do Pe. Constantino em 1949 e aprendi muito nos três anos que lá estive. Obrigado pela atenção. Espero em breve poder participar de um encontro. Tel. (24) 3322.1147 - [mm.daher@hotmail.com](mailto:mm.daher@hotmail.com)

**WALDEMAR CALDIN** (49/55 - Águas de Londóia-SP) - Muito obrigado por ter-me escrito e alertado para o meu *email*, que de fato mudou. O endereço continua o mesmo. Tenho recebido regularmente nosso comunicativo, que nos recorda tantas coisas vividas em nossa adolescência. Está muito bom o *Echus*. (19) 3824.3102 - [waldin@uol.com.br](mailto:waldin@uol.com.br)

## EXPEDIENTE

*Echus do Ibaté* é publicação bimestral dos ex-alunos do antigo Seminário Médio/Minor Metropolitano Imaculado Coração de Maria, o Seminário do Ibaté - São Roque - SP - Brasil, com distribuição gratuita aos amigos que formam a Turma do Ibaté.

**Colaboradores deste número:** José Wolf, José Moreira de Souza, Atílio Brunacci, Valdevino Soares de Oliveira, Eduardo Santos Lima, Wilson Cândido Cruz, Antônio Carlos Correa, Antônio Jurandyr Amadi, Euclides Albino dos Santos, Djalma Augusto de Medeiros, Letterio Santoro e José Lui.

**Contribuições** - O informativo mantém-se das contribuições voluntárias dos membros de seu grupo. Podem ser feitas em nome do colega Carlos Domingues Cosso (Cpf 024.626.218-49) por meio de duas contas bancárias: 1) **BRADESCO** - Ag. 95-7 (Nova Central) - c/c no. 226990-2 e 2)

**BANCO DO BRASIL** - Ag. 3055-4 (Boulevard S. João) c/c 12.158-4. Tão logo seja realizado algum depósito, envie-nos, por favor, um *email* ou uma correspondência para que possamos identificá-lo, a menos que queira fazê-lo anonimamente.

**Equipe Responsável:** Wilson Mosca, Antônio Carlos Correa, Paulo Toschi, José Justo da Silva, Antônio Simões e Márcio Pereira da Silva.

**Artigos, colaborações, contatos e correspondências:** enviar para *ECHUS DO IBATÉ*, Cx. Postal 71.509 - Cep 05020-970 - S. Paulo-SP (Obs. Se possível, enviar material de colaboração em disquete ou por e-mail, com textos em Word e fotos ou no original, que logo serão devolvidas pelo correio, ou digitalizadas no formato jpg).

**Responsabilidade:** As opiniões expressas nos artigos assinados representam o ponto de vista de seu autor e não necessariamente o da equipe responsável.

**Internet:**

**EMAIL:** [echus@zipmail.com.br](mailto:echus@zipmail.com.br) ou [ibate@seminariodesaoroque.com](mailto:ibate@seminariodesaoroque.com)

**SITE:** <http://www.seminariodesaoroque.com>

**Tiragem:** 1.000 exemplares

**Diagramação:** Marcelo Silva Calixto (11) 6162.3640

**Impressão:** Renangraf (11) 3932-8171



# LEITURAS - 5

EDUARDO LIMA - Baiano - 59/63 (\*)



Flóodor Mikháilovich Dostoiévski chegou ao seminário de São Roque em um certo dia do ano de 1963. Veio na bagagem do padre Sinésio, que trouxe dois de seus romances em um único volume: "Humilhados e Ofendidos" e "Um Jogador".

Naquele que seria o meu último ano de seminário, li a minha primeira grande obra literária, e nada mais apropriado que fosse a de um dos maiores escritores da literatura mundial. A leitura de "Humilhados e Ofendidos" fez parte de um ritual de passagem na época em que eu terminava o ginásio, terminava um modo de vida de criança, deixava (com medo) uma vida protegida e conhecida e rumava para um destino incerto.

Com essa mudança, termino também agora estas pequenas recordações das leituras feitas no seminário do Ibaté. Tempo da imaginação, do sonho e da aventura. Adiante, a realidade a enfrentar tinha mais a ver com os personagens de Dostoiévski que com os heróis de Karl May.

Tive uma dúvida ao compor estes textos para publicação. Os livros existentes em nossa biblioteca eram, como dito, livros "para rapazes". Entre os que não mencionei, havia vários volumes de histórias de aventuras, piratas, tesouros escondidos, motins em alto mar, viagens e caçadas por selvas e países exóticos. Volumes da coleção "Terramarear", da Companhia Editora Nacional, de autores consagrados por jovens de várias gerações antes da nossa, como Emilio Salgari, Jack London, Mayne Reed. Então, perguntava-me, onde estariam as obras literárias, obras que embasassem o ensino de Literatura que se dava no colegial? Como eram as aulas de Literatura? Perguntei ao editor do *Echus*, o Antônio Carlos Correa: ele também só tinha estudado no seminário até o ginásio, de modo que consultou alguns colegas da minha época, que, tendo feito o curso colegial, pudessem falar algo a respeito. Com muita satisfação recebemos a colaboração dos amigos Wilson Cândido da Cruz e Valdevino Soares de Oliveira, que, a seguir, nos contam suas memórias.

## WILSON CÂNDIDO CRUZ - 59/64 (\*\*):

*Procurando atender a seu pedido, vou fazer um esforço metafísico, sobre-humano até, e tentar voltar às reminiscências do nosso saudoso passado, que remonta a mais de quarenta anos. Invejável a muitos que não o tiveram, por que não quiseram ou não sentiram o chamado, como nós, a estar confinados por vários anos, num seminário menor ou médio, por um nobilíssimo motivo. Esta linguagem, um tanto rebuscada ou barroca, já é característica nossa. É uma das nossas marcas indelévelis.*

*Também eu era muito dado a leituras. Li, sem dúvida, vários livros cujas aventuras e mistérios foram vividos por Sherlock Holmes, além de outros. Às quintas e aos domingos, porém, não perdia qualquer futebol, nem que fosse no campo da gloriosa plebe. E, depois, bons mergulhos na piscina.*

*Nós, que chegamos a cursar o antigo Colegial, sentíamos muita carência de leituras de livros de Literatura Luso-Brasileira. Elas não nos eram exigidas. A censura, referida ao acervo da biblioteca pelo Eduardo, recaía, principalmente, na falta de inúmeros livros dos mais consagrados autores do Romantismo e das escolas literárias posteriores. Do Modernismo nem se fala. Não me lembro de ter lido nada.*

*As aulas de Literatura eram essencialmente teóricas e, por*

*isso, cansativas. Só tínhamos contato com um livro didático de literatura, que servia de apoio teórico para estudo, contendo, além de uma visão histórico-filosófica das várias Escolas Literárias, apenas fragmentos de textos literários, em prosa e um ou outro em versos, exemplificando ou confirmando tendências da época. Lembro-me do livro "Antologia Brasileira", uma coletânea em prosa e verso editado pela Livraria Francisco Alves, em 1957, que nos oferecia boas poesias e trechos em prosa. Os textos só contemplavam até o Parnasianismo. Estudamos alguma coisa da Antiguidade Clássica, atrelando-a às traduções de textos latinos, os sonetos camonianos, a grande epopéia portuguesa, "Os Lusíadas". Das Cantigas de Amor, das Cantigas de Amigo e as de Escárnio ou Maldizer, falou-se superficialmente (talvez para não suscitar maus pensamentos). Conhecemos um pouco da "Literatura" Informativa Luso-brasileira. Aprofundamos um pouco mais no estudo do Barroco, conhecemos as tendências do Arcadismo, essencialmente em versos, e as do Romantismo, em prosa e verso. Passamos pela trindade parnasiana e pelo Simbolismo. Do Modernismo, muito poucas informações.*

*Infelizmente, como foi salientado, faltaram as leituras como suporte do conhecimento. No entanto, apesar disso, por conta de nossa seriedade, denodo e aplicação aos estudos, saímos bem preparados para dar continuidade à nossa formação. Qualquer que fosse: os que continuaram no seminário maior, nos seus cursos de Filosofia e Teologia; os que saíram, buscando outros caminhos, conseguiram, via de regra, se dar bem profissionalmente. No meu caso, após avançar até o segundo ano de Filosofia, resolvi cursar Letras, na USP, como fizeram outros colegas, sem os tropeços do vestibular. Lá, sim, fui aprofundar, de fato, o estudo da Gramática da Língua Portuguesa e das Literaturas, por meio das leituras, tanto as obrigatórias como as por prazer.*

## VALDEVINO SOARES DE OLIVEIRA - 59/63 (\*\*\*):

*A questão que vocês me apresentam, sobre o ensino de Literatura no seminário, é instigante, porque acende minha memória, menos pela Literatura e mais pela leitura. E, vejam, ambas andam muito atreladas e, no tempo de seminário, muito prejudicadas. Em Língua Portuguesa, a ênfase não era dada à leitura e/ou Literatura, e sim à gramática descritiva e expositiva. O texto ficava no limbo e era tido apenas como auxiliar de pequenos e pobres exercícios de aplicação dos conhecimentos gramaticais.*

*Eu só cursei o primeiro ano colegial e não tive tempo, portanto, de estudar a "Literatura" luso-brasileira. O pouco que vimos foi mais a história da literatura em sua dimensão cronológica, de relação de autores e obras. As boas leituras, nós as fazíamos às escondidas burlando a vigilância da censura sentimental. O que de fato eu pude ler foi o que consegui durante o período em que fui bibliotecário do seminário. Aliás o trabalho com o texto literário só veio a acontecer mesmo no tempo da universidade. De modo que a minha memória da literatura seminarística se perde na clandestinidade de textos e leituras roubados.*

(\*) Eduardo Santos Lima, 59, é professor de Literatura Brasileira em São Paulo-SP - (11) 3722.1469 - eeduardolima@uol.com.br

(\*\*) Wilson Cândido Cruz, 62 - é professor de Literatura e Diretor de Escola - (11) 6216.9517 - wilsonccruz@ig.com.br

(\*\*\*) Valdevino Soares de Oliveira, 60, mestre em Literatura Brasileira e doutor em Comunicação e Semiótica, autor de Poesia e Pintura: um diálogo em três dimensões (poesias) - Ed. Unesp - 1999 e Literatura esse cinema com cheiro - Ed. Arte & Ciência - 2001, foi professor da PUC-SP. Atualmente é aposentado da Unesp de Assis-SP e é professor da Uniban - solvaldevino@terra.com.br



# MÚSICA LITÚRGICA

## O CANTO GREGORIANO APÓS O VATICANO II

LUIZ CARLOS PERES – 43/45 Pirapora(\*)

A associação música-religião é tida por muitos estudiosos como a mais antiga manifestação cultural do homem.

Na maioria dos achados arqueológicos, são notados indícios de atividades rituais. É evidente que, em tais situações, a existência do canto não pôde ser documentada, mas, como sabemos que a voz existiu antes da palavra, é de se supor que tais rituais fossem acompanhados de sons com que o homem procurava imitar os ruídos da natureza.

No período histórico, a constância dessa associação entre todos os povos antigos está fartamente documentada. Entre os judeus, povo musicalmente bem dotado, ela foi muito valorizada desde o início. Já no Gênesis (4-21), ao falar da descendência de Caim, a Bíblia faz referência a instrumentos musicais (cítara e órgão). Assim, como não podia deixar de ser, no culto judaico, tanto no templo de Jerusalém, quanto nas sinagogas, o canto era parte importante de todas as cerimônias.

Paul Johnson, em seu alentado livro, *História dos Judeus*, diz: "...a tradição musical judia era, de longe, mais antiga que a de qualquer outra na Europa".

A música mantinha-se como elemento importante nas cerimônias religiosas judaicas e o preceptor era uma figura, na sociedade judaica local, tão central e fundamental quanto o rabino. Ora, os primeiros cristãos eram judeus e abraçaram o Cristianismo sem considerar tal opção um rompimento com o judaísmo, mas, tão somente, a continuidade da religião de Israel após o cumprimento da promessa da vinda do Messias. Cristo freqüentava o templo e as sinagogas assim como os apóstolos. Nada mais natural que em seu culto, enriquecido pela Eucaristia, os primeiros cristãos usassem cânticos judaicos e adotassem outros novos, dentro do mesmo tipo de melodia.

Foi a partir do **Concílio de Jerusalém** - quando se decidiu que os gentios podiam ser admitidos diretamente ao Cristianismo, sem terem que primeiramente aderir ao Judaísmo - que a Igreja abriu-se para o mundo, dinamizando a evangelização de todos os povos e passando a deles receber também influência em sua música litúrgica. Até o século III, a língua usada nas cerimônias cristãs era a **grega**, da qual restou até hoje um resquício, no **Kyrie** e nos **improperia** (Agius o Theós - Agios Ischyros - Agios Athánatos eleison hymás = Sanctus Deus - Sanctus Fortis - Sanctus immortalis, miserere nobis). A partir do séc. III, o latim tornou-se a língua oficial do Rito Romano. Os mais antigos cantos cristãos são os Salmos, provenientes do culto judaico e das adaptações de melodias gregas e romanas. Já no século IV, duas práticas litúrgicas alcançam forma musical definidas: a **Antifonia**, isto é, o canto dos salmos e antifonas entre dois grupos, cada qual uníssono, e a **Hinódia**, ou seja o canto coral de **HINOS**, com estrutura estrófica literária, executados em uníssono pela comunidade. (Sá Porto-Leopoldianum).

S. Ambrósio, bispo de Milão, foi o verdadeiro criador da hinódia latina-cristã. A ele também se credita, juntamente com o Papa Gregório Magno, a reforma da melodia litúrgica que, por influência deste último, deu origem ao **Canto Gregoriano**.

Uma grande dificuldade, entretanto, persistia: **não havia notação musical**. Durante grande parte da Idade Média, empregou-se um sistema de escrita musical que se sobrepunha ao texto, indecifrável até hoje no seu todo: **o sistema de neumas**. Eles serviam para ajudar a memória, para sugerir aproximadamente o canto, conhecido e transmitido por tradição oral. Conta-se que os solistas levavam 10 anos memorizando o gigantesco repertório de cânticos, que incluía mais de três mil peças. Posteriormente, adotou-se uma linha para melhor noção da localização dos **neumas**. O resultado foi positivo, e resolveu-se acrescentar outra linha, de outra cor. Assim foi indo, até chegarem a quatro linhas, que são contadas de baixo para cima: a primeira era amarela; a segunda, vermelha e as terceira e quarta, pretas, precedidas, a partir de certa época, da letra grega "gamma". Esse foi o embrião da atual pauta musical (hoje com cinco linhas) e da gama ou escala de nossos dias. A imprecisão, entretanto, continuava; não havia condições para se determinar a altura dos intervalos, os sons exatos em graus determinados, nem a duração e o impulso rítmico dos sons. Foi quando apareceu o monge beneditino **Guido D'Arezzo**. Nascido em 985 na cidade de Arezzo (Toscana) e falecido em 1050, foi um compositor e professor de grande renome, tendo suas obras alcançado enorme difusão. Na abadia camaldulense de Avellano, existe ainda hoje um afresco de Guido entre abades antigos, com a inserção: **BEATUS GUIDO INVENTOR MUSICAE**. Muito justa essa inscrição, pois foi o beneditino D'Arezzo que criou as bases para toda a evolução musical que se lhe seguiu até os dias de hoje. Através de um engenhoso estratagemas, ele conseguiu identificar as alturas dos sons, mediante a definição clara dos intervalos (tons e semitons), fixando o significado desses sinais com a introdução de duas letras-chaves no começo da pauta: **F** para a linha de **Fá**, de cor vermelha e **C**, para a linha de **Dó**, de cor amarela (as outras linhas, pretas, conquistadas essas, anteriores), como já vimos, mas que Guido aperfeiçoou e fixou em sua obra **"De Ignoto Cantu"**. Para que o cantor pudesse memorizar o tom de cada nota, ele musicou um poema do séc. VIII, em honra a S. João, utilizando a primeira sílaba de cada hemistíquio da primeira estrofe, para dar nome às notas da escala: Ut - Ré - Mi - Fá - Sol - Lá - e compondo a melodia, de maneira que a distância tonal entre cada uma dessas sílabas correspondesse ao intervalo efetivo entre as referidas notas. Decorada a melodia do hino, tinham os cantores, um diapasão para cada nota do exacordo, podendo assim, através do solfejo, aprender melodias desconhecidas sem o auxílio de alguém que já as soubesse. A estrofe era:

**UT** queant laxis **RE**sonare fibris **MI**ra gestorum **FA**muli tuorum, **SOL**ve polluti **LAB**ii reatum, **S**ancte **IO**annes.

[ S. João, purifica os lábios dos vossos devotos para que possam cantar à plena voz os vossos admiráveis feitos! ]

Essa *invenção* de Guido, com o acréscimo posterior da nota SI, formada pelas iniciais de Sancte Ioannes, e de uma quinta linha, formando o pentagrama, tornou possíveis progressos consideráveis. Sem a pauta e a solmização Guidoniana, não se teriam desenvolvido a música de partes simultâneas e a técnica do contraponto. Ao mérito das invenções de Guido D'Arezzo se deve acrescentar o de tê-las exposto com grande lucidez e clareza no *Micrologus* (pequeno tratado) e na carta “*De Ignoto Cantu*” ao amigo, monge Miguel.

O Gregoriano era usado não somente na liturgia, como também no canto popular da época, divulgado pelos menestrelis e trovadores.

Com o desenvolvimento da notação moderna e da polifonia, assim como da música instrumental, o cantor profano foi abandonando o gregoriano e, finalmente, começou a invadir as cerimônias litúrgicas, fazendo com que o canto gregoriano entrasse em decadência, fosse copiado negligentemente ou modificado em grosseiras adaptações aos gostos locais.

Em 1833, 43 anos após a Revolução Francesa haver fechado todos os conventos da França, um jovem sacerdote, **Prosper Gueranger**, ouviu dizer que os proprietários da abadia de Solesme tinham intenções de demolir o que dela restava. Alarmado, conseguiu, com muito esforço, arranjar dinheiro para alugar as ruínas. Mudou-se para lá com três companheiros, reconstruiu o convento e restabeleceu a vida monástica. Dom Gueranger estava decidido a reavivar a herança religiosa do país. Para isso era essencial restabelecer a oração na sua forma mais pura, o *CANTO GREGORIANO*. Os cânticos que Gueranger encontrou nos livros de orações contemporâneos não tinham a menor qualidade. Como poderia ser aquele o canto, cuja beleza levava, durante mil anos, os ouvintes a invocar as palavras de Santo Agostinho, quando dizia: “**Quanto chorei eu durante os hinos e cânticos, profundamente emocionado pelas doces canções da Tua Igreja**”? Durante as décadas seguintes, enviou membros de sua cada vez mais numerosa comunidade a mosteiros e bibliotecas de toda a Europa, onde copiavam, a mão, os manuscritos gregorianos originais, trazendo-os para Solesmes. Ao final, o mosteiro colecionava mais de mil itens.

Decifrar os antiqüíssimos manuscritos era como ler hieróglifos, mas, com a paciência beneditina e o auxílio dos manuscritos de Montpellier, que, descobertos em 1847, funcionaram como uma espécie de *PEDRA DE ROSETA* do gregoriano antigo, as obras-primas gregorianas foram reconstituídas e passaram a ser cantadas como quando foram compostas.

Com a restauração de beleza e o trabalho apostolar levado a efeito pelos monges de Solesmes, o canto gregoriano reconquistou ele seu lugar na liturgia católica romana, culminando com o **Motu Próprio** de S. Pio X, em 22.11.1903, em que o mesmo afirma que as qualidades específicas da música na Igreja são a **SANTIDADE, BELEZA e UNIVERSALIDADE**, qualidades estas que se encontram eminentemente no *CANTO GREGORIANO*. Aprovou, pois, a restauração elaborada pelos monges de Solesmes, proscurendo quaisquer outras anteriores ou posteriores versões. O **ÓRGÃO**, comum nas igrejas desde o século XIII, é o instrumento tradicional para o acompanhamento do canto litúrgico; como instrumento solista, deve se submeter a algumas restrições. Os demais instrumentos não se podem fazer ouvir sem permissão do Ordinário. O piano e os de percussão e metal, são expressamente proibidos. Outras músicas, que não o *GREGORIANO*, são permitidas desde que não transpirem mundanismo e sirvam a prover a devoção. O uso da língua vernácula só é permitido nos hinos e cânticos durante as missas privadas e nas devoções populares.

A missa como a conhecemos antes do concílio Vaticano II, chamada Tridentina, ou de S. Pio V, datava de 19 de julho de 1570 e era rígida nas suas rubricas. Cada passo, cada movimento, cada posição do sacerdote estava prevista e assinalada no próprio Missal. Tudo se fazia com o máximo de circunspeção e seriedade, significando o respeito à presença real de Cristo no sacrário continuamente lembrada pela chama bruxuleante da lâmpada do Santíssimo. Havia uma gradação na pompa das celebrações, de conformidade com a importância litúrgica da festa comemorada, mas, mesmo nas mais simples, procurava-se dar o máximo de beleza e correção, pois assim se expressavam os fiéis em sua adoração a Deus. A música, sobretudo, era tratada com o máximo cuidado. Para participar dos coros, além de idoneidade moral, deviam os cantores ser bem dotados musicalmente. Dai o fato de a grande maioria dos cantores líricos terem despertado sua vocação em coros de igreja.

A missa podia ser: *privada, rezada, ou simples; com cânticos; de guardião; solene ou cantada; com assistência pontifical e pontifical*. Os coros eram elementos essenciais em todas as missas cantadas, pois além das partes que lhes competiam inteiramente, dialogavam continuamente com o celebrante e demais ministros nas orações por estes cantadas.

Nas missas solenes, além do Celebrante, moviam-se no altar, o Diácono, o Subdiácono, o Cerimoniário, o Turiferário, dois Acólitos, Tochíferos, etc.

Essas determinações valerem até a realização do Concílio Vaticano II, cujos ditames a respeito, mal interpretados, deram causa à morte do canto gregoriano e ao enterro do latim, que já era considerada uma língua morta.

O latim e, conseqüentemente, o gregoriano foram banidos dos atos litúrgicos como se fosse coisa do maligno. Bibliotecas inteiras de música litúrgica, constantes de livros importados, de papel bíblia, magnificamente impressos e caprichosamente encadernados, foram simplesmente destruídas como nos tempos mais obscuros da humanidade. Quando, em 1973, alguns ex-seminaristas resolveram formar, em Santos-SP, o *CORAL GREGORIANO*, não houve dificuldade em conseguir, de graça, nas casas religiosas, livros que, em outras épocas, custariam milhares de cruzeiros. A dificuldade foi achá-los, pois na maioria das vezes, a resposta, acompanhada de um sorriso benevolente, era simplesmente: “Nós tínhamos muitos, mas como não eram mais usados e ocupavam muito espaço, nós os queimamos”. Santo Deus! Numa época em que o mundo move céus e terra para evitar a extinção de espécimes animais e vegetais, um valor cultural universal, repositório da piedade de gerações e gerações, por quase 2000 anos de história da Igreja é simplesmente jogado fora, como uma simples anotação. Mas, foi isso que o Concílio determinou? É isso que os Papas, após o Concílio têm desejado? Vejamos:

A constituição “*Sacrosanctum Concilium*”, em seu Capítulo I, art. 36 § 1, diz: “**Salvo o direito particular, seja conservado o uso da Língua Latina nos Ritos Latinos**” e, no final do art. 54, do Capítulo II, em que autoriza o uso do vernáculo em alguns casos, preceitua: “**Todavia, providencie-se que os fiéis possam juntamente rezar ou cantar em língua latina as partes do Ordinário que lhes compete**”. No Capítulo IV, art.101 §1, reafirma: “**Segundo a tradição secular do rito latino, seja conservada a língua latina no Ofício Divino para os clérigos...**”. No art. 116 do Capítulo VI, continua: “**A Igreja reconhece o Canto Gregoriano como próprio da liturgia romana. Portanto, em igualdade de condições, ocupa o primeiro lugar nas ações litúrgicas**”. E mais além, no art. 117: “**Seja completa a edição típica dos livros de canto gregoriano; e mais, prepare-se edição mais crítica dos livros já editados depois da reforma de S.Pio X. É conveniente também que se prepare edição contendo músicas mais simples para o uso de igrejas menores.**”

Paulo VI, o Papa do concílio, enviou, em 1974, a todos os Bispos da Igreja o opúsculo, *JUBILATE DEO*, que tem como subtítulo o seguinte: *Cantos Gregorianos mais fáceis os quais convém que os fiéis aprendam de acordo com o pensamento da Constituição sobre a Sagrada Liturgia do Concílio Vaticano II*. A seguir, em sua dedicatória aos bispos, (aqui traduzida) com o título em letras de grande tamanho, diz:

**JUBILATE DEO** *Vínculo de Unidade - O CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II*, na Constituição sobre a Sagrada Liturgia, na exortação feita para que as línguas vernáculas obtenham um lugar conveniente nas celebrações litúrgicas, acrescentou esta orientação: **"Providencie se, todavia, que os fiéis possam igualmente rezar ou cantar, em língua latina, a partes do Ordinário que lhes compete."**

Conduzido por esse raciocínio, o Sumo Pontífice, Paulo VI, declarou, várias vezes em tempos mais recentes, ser seu desejo que as celebrações eucarísticas do povo de Deus fossem acompanhadas pelas belas melodias do Canto Gregoriano, sendo as mesmas grandemente favorecidas, se as vozes dos fiéis cantassem ora em gregoriano, ora em língua vernácula.

O referido opúsculo responde aos desejos do Sumo Pontífice e é enviado como presente a todos os Bispos. Nele estão coligidas as mais simples melodias, as quais, principalmente na ocasião oferecida pelo Ano Santo, deverão ser cantadas em conjunto.

Assim, o Canto Gregoriano permanecerá um vínculo que transformará tantos povos em uma só família reunida em nome de Cristo, em um só coração, em uma só mente, em uma só voz. Com efeito, o movimento para a unidade, marcado pela concordância das vozes na variedade das palavras, dos ritmos, das melodias, manifesta maravilhosamente a unidade da Igreja. Clama Ambrósio: *"É claramente um grande vínculo de unidade a multidão do povo reunir se em um só coro. As cordas da cítara são diferentes, mas uma é a sinfonia. Os dedos do artista, em pouquíssimas cordas, muitas vezes erram, mas o Artista Divino, com o povo, nunca erra"*. Permita Deus que, movido pelas orações feitas em comum e por estas suaves a piedosas harmonias, por toda a Terra, o coração da Igreja deprecante cante mais alegre e mais alto.

**PAULO VI**

Dia 14 de abril 1974

Domingo de Páscoa da Ressurreição do Senhor.

Recentemente, João Paulo II, gloriosamente reinante, pronunciou-se a respeito exortando os senhores bispos a que, em espírito de caridade e a fim de atender aos fiéis de mais idade, que **sentem saudades das antigas cerimônias da Igreja**, constituam em suas dioceses igrejas, em que, periodicamente sejam as mesmas celebradas, em latim e com uso do Canto Gregoriano.

Com o tempo decorrido e com o peso das novas gerações que não conheceram o Canto Gregoriano, afasta-se o receio de uma restauração, o que talvez tenha sido o motivo de tanta repulsa. Por outro lado, as diretrizes constantes dos papas, no sentido de se preservar esse vínculo de unidade e, até mesmo, a saudade, que já deve ter atingido os defensores mais renhidos do vernáculo total, estão favorecendo uma posição mais equilibrada da questão, mesmo porque, passada a questão ideológica para um segundo plano, a Igreja do Brasil preocupa-se mais com o esvaziamento das igrejas. Parte das razões, para tanto, talvez seja a falta de brilho das cerimônias, a falta de beleza nos cantos litúrgicos, a falta, enfim, da didática audiovisual que a liturgia antiga proporcionava. Quem sabe agora haja clima para se cumprir com rigor o determinado pela Constituição "Sacrosantum Concilium" sobre a Sagrada Liturgia em seu art. 116 do Capítulo VI: **"A Igreja reconhece o Canto Gregoriano como próprio da liturgia romana. Portanto, em igualdade de condições, ocupa o primeiro lugar nas ações litúrgicas"**.

É o que, de todo o coração, pedimos a Deus, por intercessão de Maria, sua Santíssima Mãe,

*Omnia ad majorem Dei gloriam!*

(\*) Ex-aluno do Seminário de Pirapora do Bom Jesus, turma de 1943 a 1945, **Luiz Carlos Peres, 76**, é advogado, escritor, grafologista, datiloscopista, regente de coral, tenor, aposentado do Banco do Brasil e professor. Um dos fundadores, há mais de 30 anos, do Coral Gregoriano de Santos. Reside em Santos-SP - (13) 3271.2483 [pirapora@iron.com.br](mailto:pirapora@iron.com.br)

## NA CASA DO PAI

Informamos com pesar o falecimento do colega

• **MIGUEL CARLOS DA GAMA (67)**, irmão de nosso amigo ibateano Cirênio José da Gama (66/69), que mora em Caçapava-SP. Era militar e faleceu aos 49 anos, em São Paulo, em 27.12.2004, vítima de latrocínio, deixando esposa e três filhos menores de idade.

Aos familiares, as condolências de todos os ex-alunos do antigo Seminário Menor de São Roque.

## Paróquia das Trovas



**Não há casada ou solteira,  
senhora idosa ou menina  
que um galanteio não queira,  
que não se julgue divina!**

**Letterio Santoro 55/59**

ENVIE-NOS VOCÊ TAMBÉM A SUA TROVA

## AMORES

**JOEL HIRENALDO BARBIERI (51/58)**

Amo a Deus que me deu uma alma pura,  
Amo as flores, os campos e as cachoeiras.  
Amo o dia de luz e a noite escura  
E as estrelas do céu sempre fagueiras.

Amo as lindas manhãs, a madrugada,  
O meu pátrio rincão verde-amarelo  
E os gorjeios gentis da passarada,  
Tudo o que é puro, virginal e belo.

No remanso sutil de minha idade,  
Vivo os meus sonhos de felicidade,  
Que felizes são sempre os sonhos meus.

E que eu possa ao morrer, feliz um dia,  
Quando baixar meu corpo à terra fria,  
Ver minha alma subir aos pés de Deus.

**JOEL HIRENALDO BARBIERI, 68**, Membro efetivo da Academia Taubateana de Letras - [joel.hirenaldo@terra.com.br](mailto:joel.hirenaldo@terra.com.br)

# PHOTO ANTIQUA



## 2º ANO GINASIAL DE 1966

1- José Cláudio Pepe - 2- Sérgio Moreira Martins - 3- Júlio Celso Fernandes Soares - 4- ?? - 5- Carlos José Vila Maior - 6- ?? - 7- Renato Litério da Silva - 8- João Batista do Vale - 9- Djalma Augusto de Medeiros - 10- Francisco Carlos dos Santos - 11- Valdir Marino Guelere Bacaicoa - 12- Nicolau Gomes - 13- Emílio Crispilho Filho - 14- Antônio Sérgio Pavão - 15- Benedito Antônio da Silva - 16- Reginaldo Szulik Bezerra - 17- Édson Nóbrega de Medeiros - 18- Roque José Alves de Lima - 19- Néelson Tadeu Speranza - 20- Ariovaldo Mantovani -

FOTO CEDIDA PELO COLEGA DJALMA AUGUSTO MEDEIROS (66/69)

## JANTAR 1ª SEXTA-FEIRA



Convidamos nossos amigos a participar do tradicional encontro-jantar da 1ª sexta-feira de todo mês. O local é o *Restaurante Angélica Grill*, Av. Angélica, 430 São Paulo-SP a partir das 19:30. Para quem vai de metrô, fica a 200 metros da Estação Marechal Deodoro e para os que vão de automóvel, a casa oferece estacionamento gratuito. Apareça você também e venha comungar conosco não apenas as lembranças importantes de outrora, mas também, faça desse gesto uma saudável quebra de sua rotina para o cultivo e descoberta de novas amizades, um momento para a expressão de suas novas idéias com pessoas alegres e abertas, num ambiente agradável e sem *stress*. Faça como os amigos José Luiz Gomide Ribeiro, Alfredo e Joel Barbieri, Luiz Corrar, Isidoro da Silva Leite, Paulo Toschi, José Lui, Alberto Casemiro e outros que sempre trazem amigos e familiares para saborear essas horas de descontração e amizade.

# LITERATURA SEMPRE

- Mário Quintana -

VALDEVINO SOARES DE OLIVEIRA 59-63 (\*)

Caros amigos do Ibaté, inicio minha participação como colaborador nesse jornal, desejando partilhar com vocês minha predileção pela Literatura e tratar de autores e obras que marcaram, com seu estilo, a história dos homens de ontem e de hoje. Clássicos e contemporâneos, em alternância de vozes e de épocas. Companheiros de viagem, nessa travessia literária. O de hoje completou cem anos de nascimento neste julho de 2006. Trata-se de um poeta brasileiro, Mário Quintana. Nasceu em uma noite de muito frio e ventos, na cidade de Alegrete, Rio Grande do Sul. Em seu auto-retrato, assim se apresenta:



*No retrato que me faço  
- traço a traço -  
às vezes me pinto nuvem,  
às vezes me pinto árvore...  
às vezes me pinto coisas  
de que nem há mais lembrança...  
ou coisas que não existem  
mas que um dia existirão...  
e, desta lida, em que busco  
- pouco a pouco -  
minha eterna semelhança,  
no final, que restará?  
Um desenho de criança...  
Corrigido por um louco!*

O tema do retrato é o próprio tema da imitação, já que retrato é a representação da imagem de uma pessoa real, pelo desenho, pintura, gravura, etc., ou pela fotografia. Mas no auto-retrato de Mário Quintana, o referente se estiliza em polissemias alegorizantes, pois o poeta é, a um tempo, nuvem, árvore, evocação do passado ou profetização do futuro, diluição ou concretude, coisas etéreas ou coisas densas. Nenhum traço físico identificador; só traços do ser e sua essência. O poeta e sua matéria.

Os signos nuvem e árvores apontam para algo fora do objeto do poema, que exorbita dos limites da referencialidade e alcança seu sentido na alegoria. O poeta busca sua eterna semelhança; seus referenciais estão fora dele e ele se identifica com a natureza ou com o tempo. Este poeta é um ser que existe nas coisas e toma forma na ação conjunta dos segmentos inimputáveis do mundo, a criança e o louco. Gravita, então, entre a inocência de uma e a inconseqüência do outro. Assim, a fisicalidade, o homem, desaparece. O referente se torna mutante e surge da metaforização do ser que é nuvem, árvore, evocação, projeção. Resulta daí o traço inseguro, não definido, irracional, fantasioso de um retrato desenhado por uma criança e corrigido por um louco. No limite, o auto-retrato não é do homem, mas do poeta, configurado e identificado com a própria matéria poética. E quem esboça esse retrato é ele, a um tempo identificado com a imaginação da criança e a alucinação do louco, ou, no extremo, ele mesmo poeta-criança-louco.

O poeta quer retratar-se e acaba, ao fim, retratando a poesia e seu universo; diz “b” para afirmar “a”, alegoriza, portanto, a representação: sob os véus do homem, o poeta, e sob os véus deste, a poesia. O referente se envolve pela metáfora e ela cumpre o estatuto dos enganos aparentes. Esse é Mário Quintana. O mesmo que, brincando com as palavras, nos brinda com o bom humor e o ludismo poético de

*“Todos esses que aí estão  
Atravancando o meu caminho,  
Eles passarão...  
Eu passarinho!”.*

(\*) Valdevino Soares de Oliveira, 60, mestre em Literatura Brasileira e doutor em Comunicação e Semiótica, autor de *Poesia e Pintura: um diálogo em três dimensões* (poesias) - Ed. Unesp - 1999 e *Literatura esse cinema com cheiro* - Ed. Arte & Ciência - 2001, foi professor da PUC-SP. Atualmente é aposentado da Unesp de Assis-SP e é professor da Uniban - [solvaldevino@terra.com.br](mailto:solvaldevino@terra.com.br)

## AGRADECIMENTOS

A **Turma do Ibaté** agradece as contribuições recebidas, no período de 05/06/2006 a 18/07/2006, dos seguintes colegas: Antônio Godinho, Francisco Adail Martins Moreira, Rubens Facioli e Daniel Gasparini, estes quatro, ex-alunos do Seminário de Pirapora, e também, Antônio Joaquim de Moraes, Gilberto Cianflone Lucarts, Hélio Rodrigues, Hilmar Cassiano, Holien Gonçalves Bezerra, João Francisco Brito Ramalho, João Steck, Joel Hirenaldo Barbieri, José Augusto Bernabé, José Écio Pereira da Costa Júnior, José Fernandes da Silva, José Gonçalves da Silva Filho, José Luiz Mariano Gomide Ribeiro, D. José Maria Pinheiro e Laerte Zacarias. Solicitamos que, tão logo creditem suas contribuições, enviem-nos notícias do fato, seja por correio, email ou um telefonema, para assim melhor controlarmos nossa contabilidade, a menos que deliberadamente queiram fazê-lo de maneira anônima.